

## A INICIAÇÃO CRISTÃ: UM DESAFIO

## CHRISTIAN INITIATION: A CHALLENGE

**Pe. Ezechiele Pasotti**

Mestre em Teologia Litúrgica  
pelo Pontifício Instituto Litúrgico de Santo Anselmo (Roma)  
Prefeito de Estudos no Seminário Diocesano Missionário  
*Redemptoris Mater* de Roma

DOI: 10.64205/brasiliensis.14.27.2025.231

Publicado sob licença Creative Commons  
Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)



Esses atos solenes — congressos, jornadas de estudo, etc. — sempre me deixam desconfortável, porque, se por um lado se está diante dos grandes desafios de hoje — aquela *summa mutatio* intuída profeticamente por São João XXIII para iniciar o Concílio Vaticano II, e por outro papa santo, Paulo VI, que falava das urgências diante da necessidade de hoje de “reconstruir a Igreja para que responda à sua vocação”, urgências que o passar das décadas apenas acentuou —, por outro lado está clara a percepção da inadequação daquele a quem se pede um pouco de luz, uma pitada de esperança. Tento dizer algo, sem nenhuma pretensão de completude, nem na análise nem nas respostas, para tentar acender alguma lanterninha... Compreendem bem que aqui seriam necessários profetas e santos, e não...

Tomo como ponto de partida alguns trechos da *Sacrosanctum Concilium* (= SC) e do último capítulo — um pouco revisado — do livro que estamos apresentando: “O esplendor da Liturgia Cristã”.

Do Concílio, gosto do SC 14, que me interroga profundamente e afirma e sublinha o sentido da reforma litúrgica que se propunha:

É desejo ardente na mãe Igreja que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e ativa participação nas celebrações litúrgicas que a própria natureza da Liturgia exige e que é, por força do Baptismo, um direito e um dever do povo cristão, “raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido” (1 Ped. 2,9; cfr. 2, 4-5). Na reforma e incremento da sagrada Liturgia, deve dar-se a maior atenção a esta plena e ativa participação de todo o povo [...].

Esta Liturgia Cristã exprime aquilo que é próprio da “genuína natureza da verdadeira Igreja, que tem a característica de ser, ao mesmo tempo, humana e divina (SC 2), e, em particular, aquilo que é específico desta Liturgia: a sua dimensão divina:

Pela Liturgia da terra participamos, saboreando-a já, na Liturgia celeste celebrada na cidade santa de Jerusalém, para a qual, como peregrinos nos dirigimos e onde Cristo está sentado à direita de Deus, ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo; por meio dela cantamos ao Senhor um hino de glória com toda a milícia do exército celestial, esperamos ter parte e comunhão com os Santos cuja memória veneramos, e aguardamos o Salvador, Nosso Senhor Jesus Cristo, até Ele aparecer como nossa vida e nós aparecermos com Ele na glória. (SC 8)

E ainda com clareza e decisão aquilo que é afirmado posteriormente:

Jesus Cristo, sumo sacerdote da nova e eterna Aliança, ao assumir a natureza humana, trouxe a este exílio da terra aquele hino que se canta por toda a eternidade na celeste mansão. Ele une a si toda a humanidade e associa-a a este cântico divino de louvor. Continua esse múnus sacerdotal por intermédio da sua Igreja... (SC 83)

É o caráter próprio desta “divina liturgia” que, por um lado, a torna capaz daquela “santificação dos homens e glorificação de Deus em Cristo” que lhe é própria (SC 10), e por outro a constitui como aquela parte imutável, porque de instituição divina (SC 10), que escapa a toda inculturação para garantir-lhe a íntegra transmissão, fiel ao mandato de Cristo, no qual a própria arte — expressão mais pura das várias expressões das culturas humanas — é chamada a captar “a infinita beleza divina”, sempre orientada a Deus e “ao incremento do seu louvor e da sua glória” (SC 122).

Assim, junto com todos os anjos e santos do céu, “respondemos à íntima vocação da Igreja e, antegozando, participamos da liturgia da glória perfeita” (SC 51). Desta forma, a Liturgia Cristã faz seu aquele axioma de Tertuliano, em polêmica com o paganismo, que desmascara também tantas supostas práticas de inculturação: “*Dominus noster Christus, veritatem se, non consuetudinem, cognominavit* — Cristo afirmou ser a verdade, não o costume”, mas não um conjunto de práticas humanas, aqueles cultos que correm o risco de perseguir “próprias imaginações”, “prescrições e ensinamentos de homens”, como afirma Paulo aos Colossenses (Cl 2,18.22).

## **A Iniciação Cristã: a coragem de um desafio pastoral**

Já dissemos que o verdadeiro sentido deste breve escrito era — e é — o de acolher o desafio que o Papa Francisco lançou em sua Carta Apostólica *Desiderio desideravi*. Este novo fogo deveria vir de uma renovada formação “para a Liturgia” e “a partir da Liturgia” (34-47), mas esta formação, na tradição da Igreja, tem um único nome: Iniciação Cristã. O Concílio de Trento respondeu às problemáticas próprias de seu tempo, um tempo de

“cristandade” e de contrarreforma, com uma renovação teológica, litúrgica e pastoral que acompanhou e sustentou o caminho da Igreja por quatro séculos. Após esse tempo, levantou-se uma voz — a voz autorizada do Papa São João XXIII — que com coragem e profecia convocou um novo Concílio.

O Concílio foi celebrado e um autêntico evento da vida da Igreja, mas a nossa pastoral — também pela força propulsora de quatro séculos de história e pela pressão das mudanças sociopolíticas sobrevindas — permaneceu bastante distante daquele sábio desejo do Santo Papa que chamava a Igreja a “injetar a energia perene, vivificante, divina do Evangelho nas veias daquilo que é hoje a comunidade humana”.

A fraqueza da Igreja, diante da pressão e dos desafios sociais da secularização, fez com que não apenas se enfraquecesse a evangelização — ainda que não tenha faltado e não falte, quase todos os dias, o anúncio de novos mártires e testemunhas que, por amor a Cristo, oferecem a própria vida a Ele —, mas também muitos cristãos deixaram levar e perderam o dom da fé em suas vidas, às vezes seduzidos por uma modernidade que produziu um enfraquecimento interior da fé, reduzida frequentemente a um fato privado, totalmente insignificante. Recordava disso o Papa Leão XIV em sua primeira homilia na Santa Missa com os Cardeais eleitores (9 de maio de 2025):

Também hoje não são poucos os contextos em que a fé cristã é considerada uma coisa absurda, para pessoas fracas e pouco inteligentes; contextos nos quais se preferem a ela outras seguranças... E, no entanto, justamente por isso, são lugares nos quais urge a missão, porque a falta de fé traz consigo frequentemente dramas tais como a perda do sentido da vida, o esquecimento da misericórdia, a violação da dignidade da pessoa em suas formas mais dramáticas, a crise da família e tantas outras feridas das quais a nossa sociedade sofre e não pouco.

A pastoral das paróquias, muitas das quais ainda centradas numa série de devoções que talvez pudessem dar respostas numa situação de cristandade, mas não àquela de secularização, de uma globalização premente, permaneceu como paralisada: sim, há a missa dominical; sim, há procissões populares por ocasião do Santo Padroeiro ou de alguma festa mariana; sim, há momentos de oração do “Rosário”, ou da “Via-Sacra” na Quaresma..., mas a nossa vida cotidiana responde às convocações dos “talk shows”, somos educados aos conteúdos da modernidade pela televisão no que diz respeito à nossa vida moral e a voz do Papa, ou de qualquer outro, tornou-se, no máximo, “uma voz” entre outras, muitas vezes acolhida como “em polêmica” com as demais e sem nenhuma autoridade, e quase completamente ausente no mundo juvenil.

A essa mudança copernicana da nossa vida não correspondeu àquela formação adulta e necessária, não só à vida litúrgica, como disse o Papa, mas à própria vida cristã. Pode parecer exagerado, mas não creio que o seja, afirmar que já não sabemos mais o que significa realmente “ser cristão”.

Essa “fotografia” não a fazemos nem para nos desencorajar, nem para nos voltarmos para trás em vãs saudades, mas para que “abramos os olhos”: a profecia do Santo Papa João XXIII havia acertado em cheio já em 1961, mas nós não lhe demos a devida atenção.

Deus suscitou também vários “carismas” nestas décadas para tentar despertar-nos..., e algo foi feito, certamente, mas temos a impressão de que, sobretudo nas paróquias, preferimos “nos defender” deles, em vez de acolhê-los e nos confrontarmos com eles e ver neles uma ajuda que nos era oferecida. Se a crise — a *summa mutatio* da qual falava São João XXIII — é séria, devemos ter a coragem de acolher o desafio que está diante de nós: uma crise de fé. E não basta, a meu ver, nos iludirmos com pastorais que chamamos de “populares”, porque visam ao povo de Deus, ou nos escondermos atrás de “devoções populares”, com a ilusão de que o povo permaneceu cristão no fundo: não apenas não ajudamos essas pessoas, mas fazemos a Igreja e o Evangelho perderem credibilidade, esvaziando-os de seus conteúdos mais autênticos, até mesmo nas traduções da Bíblia, indo ao encontro de modas que não têm futuro.

Somos chamados a virar a página.

Uma realidade eclesial que levou a sério a crise de fé e fez suas as indicações teológicas, bíblicas, litúrgicas e pastorais do Concílio e procurou respondê-las com a intuição original de aplicar um “método catecumenal” é o Neocatecumenato ou Caminho Neocatecumenal. A Santa Sé, através de seus órgãos oficiais, o então Pontifício Conselho para os Leigos (hoje Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida) — que consultou a Congregação para a Doutrina da Fé, a Congregação para o Culto Divino, a Congregação do Clero e a Congregação para a Educação Católica — o estudou durante alguns anos e emitiu o Decreto de “Aprovação final” (11 de maio de 2008). Nele, entre outras coisas, afirma-se:

Este novo itinerário de Iniciação Cristã, nascido no sulco da renovação suscitada pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, encontrou o vivo interesse do então arcebispo de Madri, Sua Excelência monsenhor Casimiro Morcillo, que encorajou os iniciadores do Caminho a levá-lo às paróquias que o solicitassem. Ele se difundiu assim gradualmente na arquidiocese de Madri e em outras dioceses espanholas. Em 1968, os iniciadores do Caminho Neocatecumenal chegaram a Roma...

E o Estatuto do Caminho o reafirma com clareza: “O Caminho Neocatecumenal é um itinerário de formação católica que ‘está a serviço do

Bispo como uma das modalidades de realização diocesana da Iniciação Cristã e da educação permanente da fé” (Estatuto, art. 1, 2).

Acho muito interessante a linguagem do Decreto: na aprovação *ad experimentum* de 2002, dizia-se: “O Caminho Neocatecumenal... Esta nova experiência catequética, nascida no sulco da renovação suscitada pelo Concílio Ecumênico Vaticano II...”. O Decreto final de 2008 afirma: “O Caminho Neocatecumenal... Este novo itinerário de Iniciação Cristã, nascido no sulco da renovação suscitada pelo Concílio Ecumênico Vaticano II...”: a mudança é fundamental. Não porque em 2002 ele não fosse um “itinerário de Iniciação Cristã” (cf. Estatuto, art. 1), mas porque, de fato, o texto da Santa Sé, no Decreto, ainda não o captava em toda essa densidade. Agora o faz. O que se aprova é “um novo itinerário de Iniciação Cristã” e não “uma experiência catequética”, “uma espiritualidade particular”, levada adiante por um “grupo especial”<sup>1</sup>.

Ainda que isso muitas vezes não seja compreendido em todo o seu significado, trata-se de uma realidade eclesial, suscitada pelo Espírito para pôr em prática o Concílio Vaticano II. Dizia-o com muita lucidez uma página da *Notitiae*, a revista da Congregação para o Culto Divino, dando seu juízo sobre o Neocatecumenato já em 1974<sup>2</sup>.

Um instrumento, entre outros certamente — é bom reafirmá-lo para evitar equívocos —, suscitado por Deus para responder hoje a este desafio, em última análise, o desafio da Iniciação Cristã para formar comunidades cristãs. Este Caminho não se propõe formar novos grupos, novas agregações na paróquia, mas iniciar nela um caminho de gestação para a fé adulta: formando pouco a pouco comunidades cristãs, transformando a paróquia numa “comunhão de comunidades”, comunidades capazes de dar os sinais da fé: o amor e a unidade (cf. Jo 13,34-35; 17,21), que se tornam

<sup>1</sup> Por isso deve-se notar o longo trabalho feito pelos responsáveis do Caminho, que continua ainda hoje, talvez porque não seja fácil de compreender, com o Dicastério em questão, para que não fosse — e não seja — reconhecido como um “Movimento” ou uma “Associação”, mas como “uma das modalidades de realização diocesana da Iniciação Cristã” (*Estatuto do Caminho Neocatecumenal, Aprovação definitiva* (2008), art. 1,2).

<sup>2</sup> “Todas as reformas, na Igreja, trouxeram novos princípios e promoveram novas normas que traduziram na prática os intentos da própria reforma. Assim aconteceu após o Concílio de Trento; nem poderia ser diferente em nossos dias. A renovação litúrgica incide profundamente na vida da Igreja. Há necessidade de que a espiritualidade litúrgica faça germinar novas flores de santidade e de graça, bem como de apostolado cristão mais intenso e de ação pastoral. Um modelo excelente dessa renovação encontra-se nas ‘Comunidades Neocatecumenais’ que surgiram em Madri, em 1964, por iniciativa de alguns jovens leigos, com a permissão, o encorajamento e a bênção do excelentíssimo Pastor madrileno, Casimiro Morcillo. As comunidades têm o objetivo de tornar visível nas paróquias o sinal da Igreja Missionária e se esforçam por abrir o caminho à evangelização daqueles que quase abandonaram a vida cristã. Para esse fim, os Membros das ‘Comunidades’ procuram viver mais intensamente a vida litúrgica cristã começando pela nova catequese e pela preparação ‘catecumenal’, percorrendo, ou seja, com um caminho espiritual, todas aquelas fases que, na Igreja primitiva, os catecúmenos percorriam antes de receber o sacramento do Batismo” (*Notitiae*, n. 95–96, julho-agosto de 1974, 229s).

missionárias porque mostram ao mundo que amar é possível — amar o outro, que é sempre diferente; amá-lo mesmo quando te faz um mal ou te despreza; amá-lo quando é teu inimigo.

Recorda isso com precisão um número dos Estatutos (23,1), citando um “Discurso aos Bispos de Ontário” de São João Paulo II<sup>3</sup>:

Dessa forma, o Caminho Neocatecumenal contribui para a renovação paroquial desejada pelo Magistério da Igreja de promover “novos métodos e novas estruturas”, que evitem o anonimato e a massificação, e de considerar “a paróquia como comunidade de comunidades”, que “descentralizam e articulam a comunidade paroquial”.<sup>4</sup>

Dado que o Caminho já é bastante conhecido, limito-me aqui a indicar como nele se realizam os enunciados e as indicações conciliares mais significativas, expressas nas quatro Constituições: *Lumen Gentium*, *Dei Verbum*, *Sacrosanctum Concilium* e *Gaudium et Spes*.

No livro *O esplendor da Liturgia Cristã*, dedica-se um capítulo inteiro (o V) ao dom que Deus fez à sua Igreja com o Concílio, restituindo-lhe a figura mais adequada de “Povo de Deus”, de “Comunidade cristã”, arrancando-a do anonimato de uma Igreja entendida juridicamente como “sociedade perfeita”. Ela é certamente uma realidade histórica, social e independente da sociedade civil e política, mas a *communio* a abre mais diretamente ao mistério das pessoas que a compõem, em referência direta ao mistério de Deus como comunhão de pessoas.

No Caminho, mediante o anúncio da Boa Nova, constitui-se esse “grupo” de pessoas que, pouco a pouco, num longo caminho de gestação para a fé, vão se constituindo em “comunidade cristã”: na medida em que a Palavra de Deus e a liturgia vão tirando espaço do homem velho, que quer tudo para si, para construir-se a si mesmo<sup>5</sup>, opera-se uma “conversão”, uma mudança de ser, devida à graça do Senhor. Mas esse caminhar rumo ao “homem novo” não é fruto nem de nossos esforços, nem de nossa cabeça — certamente, realiza-se na liberdade, porque ninguém é forçado —, mas é dom

<sup>3</sup> João Paulo II, “Aos Bispos do Canadá em visita *ad limina Apostolorum*”, 4 de maio de 1999: “Não se pode deixar que o anonimato das cidades invada as nossas comunidades eucarísticas. Devem-se encontrar novos métodos e novas estruturas para construir pontes entre as pessoas, de maneira que se realize realmente esta experiência de acolhimento mútuo e de proximidade, exigida pela fraternidade cristã. Talvez esta experiência e a catequese que a deve acompanhar se cumpram melhor no seio de comunidades mais reduzidas, como se afirma na Exortação pós-sinodal: ‘Um meio de renovação paroquial, particularmente urgente nas paróquias das grandes cidades, pode ser encontrado talvez na paróquia como comunidade de comunidades’ (*Ecclesia in America*, 41)”.

<sup>4</sup> João Paulo II, “Carta Encíclica *Redemptoris Missio*”, 7 de dezembro de 1990, 51.

<sup>5</sup> A visão antropológica de São Paulo que vê o “homem velho” forçado pelo pecado a viver para si mesmo, fechado em si mesmo, ou seja, obrigado a oferecer tudo a si para se gratificar: “O amor de Cristo nos possui; e nós sabemos bem que um morreu por todos, portanto todos morreram. E ele morreu por todos, para que aqueles que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que morreu e ressuscitou por eles” (2 Cor 5,14-15).

de Deus. Para que isso aconteça e comece a aparecer a *communitas christiana*, devem ser demolidas aquelas “muralhas” dentro das quais eu me defendia e, comigo, a minha sociedade de referência. Essa comunidade é obra da graça de Deus: leiam-se aquelas esplêndidas páginas de Bonhoeffer sobre a vida comum<sup>6</sup>, onde ele declara que “a fraternidade não é um ideal, mas uma realidade divina” e que “a fraternidade cristã é uma realidade pneumática, não da psique”; e acrescenta:

Qualquer ideal humano, introduzido na comunhão cristã, impede sua autêntica realização, e deve ser destruído para que possa viver a comunhão verdadeira. Quem ama o próprio sonho de comunhão cristã mais do que a comunhão cristã efetiva, está destinado a ser um elemento destruidor de toda comunhão cristã, mesmo que seja pessoalmente sincero, sério e cheio de abnegação.<sup>7</sup>

Compreende-se então como essa obra seja longa, paciente: fazer desaparecer pouco a pouco nossos projetos, nossas projeções, nossos desejos, por mais que possam ser “piedosos e justos”, para dar espaço à obra de Cristo em nós e em nossos irmãos pressupõe uma “vocação”, um chamado de Deus, uma convicção profunda de que os irmãos não foram escolhidos por alguma afinidade ou dom particular, mas por “vontade do Senhor”: “Pois somos obra sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, que Deus preparou para que nelas caminhássemos” (Ef 2,10), para chegar ao cumprimento dessa obra divina: “O outro é Cristo”<sup>8</sup>. Uma obra que não só não pode ser realizada “em solitário”, mas que deve ser sustentada e acompanhada pela Igreja, mediante o serviço dos catequistas que, passo a passo, percorrem todas as etapas próprias do catecumenato, para chegar à renovação das promessas batismais como adultos.

Iniciar, na Diocese ou na Paróquia, uma pastoral capaz dessa obra divina exige certamente coragem e visão de futuro, pois não se trata de abrir um breve curso ou alguma conferência, mas de um itinerário no qual se trata de dar espaço à ação de Deus na vida das pessoas, uma vez que os modos e os tempos dessa ação não são planejados por nós. A nós é requerida a sabedoria e a paciência de esperar essa passagem do Senhor, em total atenção ao outro, aos outros. Muitas vezes essas duas virtudes nos faltam, seja porque sobretudo nós presbíteros não aceitamos uma obra levada adiante por outros, seja porque os tempos não os estabelecemos nós. É a crise de São José que, encontrando-se com a esposa grávida por obra do

---

<sup>6</sup> Dietrich Bonhoeffer, *Vita commune*, 5o ed. (Queriniana, 2012), 15-31.

<sup>7</sup> Bonhoeffer, *Vita commune*, 22-23.

<sup>8</sup> Palavras inspiradas a Kiko Argüello pela Santa Virgem Maria, em 8 de dezembro de 1959, em seu quarto: “É preciso fazer comunidades cristãs como a Sagrada Família de Nazaré que vivam em humildade, simplicidade e louvor; o outro é Cristo”, que constituem a inspiração fundante do Caminho.



Espírito Santo e sendo “homem justo”, pensa em repudiá-la em segredo; será necessária a obra de um anjo para tranquilizá-lo: “José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua esposa. De fato, o menino que foi gerado nela vem do Espírito Santo” (Mt 1,20). Também para um bispo ou para um pároco pode haver essa crise profunda diante de um “carisma” do qual não se sente “pai”; mas sem a acolhida do dom, tal como Deus o pensou e a Igreja o aprovou, talvez não daremos início a uma pastoral de Iniciação Cristã.

O Concílio Vaticano II nos lembrou que “Cristo, único mediador, constituiu sobre a terra e sustenta incessantemente sua Igreja santa, comunidade de fé, de esperança e de caridade, como organismo visível, através do qual difunde para todos a verdade e a graça” (LG 8) e que os Bispos “receberam o ministério da comunidade para exercê-lo com seus colaboradores, sacerdotes e diáconos” (LG 20): temos hoje necessidade de dedicar toda a nossa atenção pastoral a reedificar a Igreja, “comunidade de fé, de esperança e de caridade”, e a Iniciação Cristã posta em prática pelo Caminho Neocatecumenal pode realmente ser um instrumento precioso para essa obra.

Podemos agora dar uma olhada em como são acolhidos e postos em prática, no Caminho Neocatecumenal, os conteúdos de outro documento central do Concílio: a *Dei Verbum*, a Constituição sobre a Revelação Divina. Também a isso dedicamos o capítulo IV do livro, pelo que queremos apenas aqui oferecer algumas ênfases em relação ao Caminho.

Refletindo sobre a Palavra de Deus, sobre o dom que foi feito à Igreja com a *Dei Verbum*, mencionávamos como é fundamental captar a realidade de “evento” que a Palavra de Deus sempre traz consigo<sup>9</sup>. Se é verdade que a primeira palavra do homem foi um “TU” gritado ao Criador diante da extraordinária beleza da criação<sup>10</sup>, quando a própria Palavra divina — o Verbo divino — veio colocar sua tenda entre nós (cf. Jo 1,14), no coração de um homem — e com Ele no coração de todos os homens — explodiu toda a plenitude da divindade (cf. Cl 2,9): desde então Deus se fez realmente Emanuel/Deus-conosco, e o homem — com seu “complemento necessário”, a mulher — tornou-se templo de Deus, numa aliança de natureza sponsal com Deus que define o homem de modo verdadeiramente novo, porque o diviniza: e nenhum transumanismo — a tentação própria do homem moderno de recriar-se à própria imagem e semelhança —, por mais visionário que seja, pode sequer sonhar com algo semelhante.

<sup>9</sup> Ver Ezechiele Pasotti, *Il cammino neocatecumenale. 50 anni di iniziazione cristiana degli adulti* (Cantagalli, 2019), 59-72.

<sup>10</sup> Ver Louis Bouyer, *Il rito e l'uomo* (Morcelliana, 1964), 74-75.



A experiência de Gn 3 vem iluminar essa Palavra/Evento: após o pecado do homem, a primeira palavra que Deus dirige ao homem é uma pergunta; tal pergunta, que é uma espécie de lamentação divina, em hebraico, consta de uma só palavra: *'ayyèkkah?*, “onde estás?” (Gn 3,9). Obviamente Deus já sabia onde estava Adão. Mas então por que lhe perguntar? É uma forma de pôr-se à procura do homem, que se havia escondido, e impeli-lo a encontrar-se com o Deus vivo. Sim, claro, Deus sabia onde estava o homem, e contudo Ele – notem-se algumas sutilezas psicológicas do texto bíblico – desce até ele, que se havia escondido, “escondendo” sua onisciência, “esvaziando-se” (cf. Fl 2,7) de certo modo da plenitude de seus atributos, por amor ao homem e à mulher, agora “vazios” de comunhão, para preenchê-los novamente com a plenitude de sua presença amorosa.

E eis aqui a Palavra/Evento, o evento da Palavra: “Adão, onde estás?”; “Tu, eu, onde estamos?”. Toda vez que é proclamada a Palavra de Deus, esta é a pergunta que ela suscita. Não é uma palavra de julgamento ou de condenação, não é uma palavra moral, mas uma Palavra que torna presente esse Deus apaixonado pelo homem, que não abandona o homem ao seu pecado, mas que em Jesus Cristo chega “a fazer-se pecado” por ele (2Cor 5,21).

No Caminho, é gradualmente iniciado à escuta da Palavra de Deus — evento: desde o anúncio da Boa Nova até os primeiros passos, com a entrega da Escritura feita pelo Bispo — é a Igreja que tem a chave para abrir o mistério da Palavra de Deus (cf. Ap 5,1-10: o livro selado) —, à celebração semanal (com a respectiva preparação feita por um grupo de irmãos, com uma introdução progressiva a toda a Escritura, primeiro através de palavras simples (para aprender a linguagem bíblica), depois a eventos mais complexos, a nomes próprios que preenchem a história da Revelação de Deus, até os livros inteiros dela). E, algo realmente notável, a Palavra é sempre celebrada: em casa, nas preparações, em comunidade, nas várias etapas que constituem o itinerário neocatecumenal. A celebração comunitária da Palavra é a garantia de colocá-la sempre em seu verdadeiro contexto de “tradição eclesial”.

Uma experiência de encontro pessoal com a Palavra de Deus, mas numa celebração comunitária que tem dado numerosos frutos, é a *scrutatio* (cf. Jo 5,39), aberta a todos, mas sobretudo aos jovens. O judaísmo pós-bíblico ressalta a centralidade do estudo da Torá: “Vira-a e revira-a, porque nela há tudo” (cf. m.Av 5,22): interpretá-la significa antes de tudo “perscrutá-la” (cf. o verbo hebraico *daràsh*, ‘procurar’, ‘investigar’, de onde vem o termo *midràsh*), ou seja, extrair de seu tesouro inesgotável todas as potencialidades de significado. Já na tradição judaica, a Torá tem bem

“setenta rostos” (ou “sabores”) e nela “brilham muitas luzes” (NumR 13,15)<sup>11</sup>.

O desejo do Concílio, como víamos antes, de que as Sagradas Escrituras, que contêm a palavra de Deus, porque inspiradas, e portanto “são verdadeiramente palavra de Deus” (DV 24), impregnassem a vida da Igreja (DV 21-25), aprendendo “a sublime ciência de Jesus Cristo” (Fl 3,8) e estabelecendo “o diálogo entre Deus e o homem” (DV 25), é assim realmente posto em prática na comunidade cristã.

Uma terceira Constituição do Concílio recebe verdadeira relevância no Caminho Neocatecumenal: a *Sacrosanctum Concilium*. Já dissemos algo sobre isso<sup>12</sup>, sublinhando sobretudo a “novidade” operada pelo Concílio, que não diz respeito tanto às formas litúrgicas quanto a uma nova leitura teológica da Liturgia. Por que é importante captar essa novidade? Porque ela muda, de certo modo, a natureza da nossa relação com Deus: trata-se de passar de um “uso” do culto e de Deus – para dizê-lo de forma um pouco radical – quase “econômico”:

“Cultural” é o “cuidado” (ainda que assim “espiritualizado”) que um homem dirige ao seu Deus, para assegurar-se assim da sua bênção e da sua proteção... O homem “cuida” da divindade com sacrifícios e atos de adoração, pois sente-se dependente dela. Os atos de culto servem para manter distante a cólera da divindade e para obter sua bênção. O “culto” serve, portanto, para obter uma garantia para as necessidades humanas fundamentais e para alcançar os benefícios desejados, no sentido do *do ut des*<sup>13</sup>,

para chegar a acolher o dom de Deus, sua salvação: o dom do Espírito Santo e revestir-nos de natureza divina (a santificação, a divinização, da qual fala tanto – e com razão – a teologia oriental). A liturgia cristã não apenas não tem origem nem parte de baixo, do homem, mas nos foi revelada, trazida do céu. Essa nova compreensão da Liturgia, víamos também nas palavras do Papa Francisco, tem no centro a Páscoa, o Mistério pascal, a celebração da Vigília pascal. Não sei se consigo expressar toda a novidade dessa abordagem à liturgia cristã, para captar algum vislumbre da originalidade divina dessa liturgia: “divina”, não apenas porque tem a ver com “coisas santas”, mas num sentido ainda mais forte: “divina” porque é celeste, é um antegosto do céu, nos permite tocar com as mãos as “coisas do céu”.

A dimensão pascal da Liturgia cristã é aqui evidente: mediante a encarnação do Verbo, a própria matéria é “colocada em Deus”, “deificada” – se podemos nos expressar assim: na carta aos Colossenses, São Paulo diz que em Cristo “habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Cl 2,9)

<sup>11</sup> Ver *Bíblia de Jerusalém*, nota g em Jo 5,39.

<sup>12</sup> Ver Pasotti, *Il cammino neocatecumenale. 50 anni di iniziazione cristiana degli adulti*, 73-87.

<sup>13</sup> Michael Kunzler, *La liturgia della Chiesa* (Jaka Books, 1996), 44-48.

– note-se a força e a originalidade daquele “corporalmente” – e continua dizendo que nós participamos da “plenitude d’Ele”.

E a celebração da Vigília Pascal recebeu no Caminho aquela centralidade, aquele cuidado e aquele esplendor que a tornam realmente a “Vigília de todas as vigílias”, como diz a aclamação do Precônio: “Esta é a noite em que Cristo destruiu a morte e dos infernos ressuscitou vitorioso”, torna-se o anúncio e a garantia de cada celebração dominical. De ano em ano, ela ilumina com seu esplendor cada celebração dominical, dando-lhes uma dimensão pascal. Durante a visita *ad limina* do episcopado dominicano em 2015, o Papa Francisco, junto com seu vivo encorajamento dado ao Caminho, quis sublinhar aos Bispos como o Caminho teve uma importância notável em “restaurar na Igreja a Noite Pascal”<sup>14</sup>.

Notável também é a atenção que o Caminho dedica à Cinquentena pascal – os 50 dias que vão da Páscoa até Pentecostes – com as comunidades que concluíram o itinerário neocatecumenal e entraram no tempo da formação permanente: os Estatutos dedicam o Título III justamente à “Educação permanente da fé”, como “um caminho de renovação na Paróquia” (nn. 22-23). Note-se aqui como a Igreja soube formar ao longo dos séculos um tempo de preparação para a Páscoa, a Quaresma, mas não teve ocasião, exceto por um espaço mistagógico para os neófitos quando ainda havia o catecumenato, de expressar com o mesmo vigor a importância desse tempo pascal, apesar de tantos textos patrísticos que falam dele<sup>15</sup>.

Nas nossas Paróquias há realmente necessidade de redescobrir a Páscoa: Deus que irrompe com sua morte em nosso “Égito de morte e de sofrimento”, para nos introduzir, arrastar para dentro da vida eterna,

<sup>14</sup> O episódio foi narrado pelo Arcebispo emérito de Santo Domingo, Dom Ramón de la Rosa y Carpio, em 28 de junho de 2015, aos itinerantes daquele país: “Há pouco tempo celebramos a visita *ad limina* nós, bispos dominicanos. O Santo Padre nos recebeu mudando o protocolo: antes nos recebia um a um durante um quarto de hora e concluía com uma breve mensagem comum. Desta vez mudou o protocolo, recebendo-nos todos juntos e conversando paternalmente por mais de uma hora e meia...”. O Arcebispo destacou os sete pontos sublinhados pelo Santo Padre a respeito do Caminho Neocatecumenal. Aqui recorro dois particularmente ligados ao que estamos dizendo: “O Caminho Neocatecumenal restaurou na Igreja a Noite Pascal, que é o centro da vida cristã... O Caminho Neocatecumenal é a realidade que mais conhece sobre a Iniciação Cristã. Consultem e, se necessário, corrijam os catequistas, as comunidades... (porque corrigir é amar)..., porém corrijam com os Estatutos em mãos!” (*O Caminho Neocatecumenal nos discursos do Papa Francisco e Documentos da Igreja*, Roma: Centro Neocatecumenale, 2019, 148-149).

<sup>15</sup> Veja-se, por exemplo, o comentário de Santo Agostinho ao Salmo 148, onde ele exemplifica a celebração desses dois tempos na Igreja (Quaresma e Tempo Pascal): “O período que precede a Páscoa representa a tribulação em que nos encontramos no presente; aquele que celebramos agora, depois da Páscoa, representa a bem-aventurança, na qual estaremos na eternidade. Portanto, o que celebramos antes da Páscoa é o tempo que vivemos agora, enquanto o que celebramos depois da Páscoa é uma antecipação figurativa daquilo que ainda não possuímos” (Agostino d’Ippona, “Esposizione sul Salmo 148”, Augustinus.it, [https://www.augustinus.it/italiano/esposizioni\\_salmi/esposizione\\_salmo\\_206\\_testo.htm](https://www.augustinus.it/italiano/esposizioni_salmi/esposizione_salmo_206_testo.htm), n. 1).

tornando-nos participantes de sua ressurreição. Toda liturgia cristã ou celebra essa irrupção de Cristo, essa sua vitória sobre a morte, ou não é liturgia cristã e permanece um “ato de culto” que o homem realiza, talvez com referência também a Cristo, mas sem dimensão pascal, porque toda liturgia cristã celebra e recria o homem novo, o homem celeste, à “estatura de Cristo”, “à medida do dom de Cristo” (Ef 4,7) – e não insistiremos nunca o suficiente nesse fato. Em outras palavras, ou é “ação de Deus” que nos “cristifica” ou é um simples “ato religioso humano”. Ainda que isso, claramente, aconteça num processo de gradualidade.

Seria interessante aqui – mas vai além dos limites desta breve introdução – mostrar como esse “divino” não se impõe ao homem de fora, do exterior, mas caracteriza e define o *homo religiosus*: o homem traz em seu DNA essa dimensão religiosa – não de uma religião qualquer – mas desta Liturgia cristã.

Gradualmente, o Caminho introduz o fiel a essa plena e ativa participação na celebração pascal, que é própria de toda a Igreja.

E há ainda um ponto importante a sublinhar, para mostrar toda a força que uma pastoral conciliar pode trazer à Igreja de hoje: acolher a dimensão evangelizadora da *Gaudium et Spes*, a 4ª Constituição do Concílio Vaticano II, e do Decreto *Ad Gentes*. De fato, tudo o que viemos dizendo seria realmente bem pouca coisa se se reduzisse a um discurso *ad intra*, algo que serve a nós, para nossa perfeição moral...

O Papa Francisco nos surpreendeu quando, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (24 de novembro de 2013), nos colocou diante da urgência de uma “Igreja em saída” (nn. 20–24), chamando-nos a uma “pastoral de conversão” (nn. 25–33): a Igreja está em função de uma missão: a evangelização. A pergunta simples que podemos nos fazer poderia ser: “Por que evangelizar, por que a missão hoje?”. A resposta é igualmente simples e radical: para restituir ao homem de hoje aquela beleza, aquela dignidade de “filho de Deus” que só o anúncio cristão lhe oferece. Se a antropologia revelada de Hebreus 2,14–15 deve ser levada a sério, se a antropologia de Paulo, em 2 Coríntios (5,15) – que já recordamos – é verdadeira; se é verdadeiro o anúncio que Paulo faz a seguir, que “se alguém está em Cristo, é uma nova criatura; as coisas antigas passaram; eis que nasceram coisas novas”, se é verdadeiro o ministério da reconciliação que nos foi confiado (cf. 2 Cor 5,15–18), como não fazer correr pelo mundo essa boa notícia, como não fazer nossa aquela exclamação apaixonada, ainda de Paulo: “Ai de mim se não anunciar o Evangelho”? (1 Cor 9,16). É essa a paixão evangelizadora que acompanhou, marcou, martirizou a Igreja nestes 2000 anos de história; claro, sem esquecer toda a fragilidade humana,

também muitos pecados, muita violência atrás da qual escondemos e cobrimos nossa vergonha. Mas não é justo, por causa disso, esquecer tanta santidade, tanta obra de Deus que acompanhou a missão.

O homem de hoje está sedento de boa notícia, de *kerygma* (para usar uma palavra cara ao Papa Francisco): ele o recorda também na Exortação Apostólica *Querida Amazônia* (2020, nn. 63-65):

A autêntica opção pelos mais pobres e abandonados, ao mesmo tempo que nos impele a libertá-los da miséria material e defender os seus direitos, implica propor-lhes a amizade com o Senhor que os promove e dignifica. Seria triste se recebessem de nós um código de doutrinas ou um imperativo moral, mas não o grande anúncio salvífico, aquele grito missionário que visa o coração e dá sentido a todo o resto. Nem podemos contentar-nos com uma mensagem social. Se dermos a vida por eles, pela justiça e a dignidade que merecem, não podemos ocultar-lhes que o fazemos porque reconhecemos Cristo neles e porque descobrimos a imensa dignidade a eles concedida por Deus Pai que os ama infinitamente.

Eles têm direito ao anúncio do Evangelho, sobretudo àquele primeiro anúncio que se chama querigma e “é o anúncio principal, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar duma forma ou doutra” (*Evangelii Gaudium*, 164). É o anúncio de um Deus que ama infinitamente cada ser humano, que manifestou plenamente este amor em Cristo crucificado por nós e ressuscitado na nossa vida. Proponho voltar a ler um breve resumo deste conteúdo no capítulo IV da Exortação *Christus vivit*. Este anúncio deve ressoar constantemente na Amazônia, expresso em muitas modalidades distintas. Sem este anúncio apaixonado, cada estrutura eclesial transformar-se-á em mais uma ONG e, assim, não responderemos ao pedido de Jesus Cristo: «Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura (Mc 16, 15).

Qualquer proposta de amadurecimento na vida cristã precisa de ter este anúncio como eixo permanente, porque “toda a formação cristã é, primariamente, o aprofundamento do querigma que se vai, cada vez mais e melhor, fazendo carne” (*Evangelii Gaudium*, 165). [...]. Deste modo, o querigma e o amor fraterno constituem a grande síntese de todo o conteúdo do Evangelho [...].

E o Caminho Neocatecumenal, como coroamento do processo de Iniciação Cristã, vem produzindo há muito tempo um despertar missionário em nossas dioceses e paróquias. Não somos nem os primeiros nem os únicos – repetimos isso para evitar qualquer mistificação – mas não se pode ignorar o fato de tantos catequistas itinerantes, de milhares de famílias que, curadas e preenchidas pela graça divina, se oferecem para serem enviadas, muitas vezes com seus filhos, em missão, e até mesmo comunidades inteiras que se colocam à disposição de bispos e párocos para apoiar comunidades frágeis em situações difíceis ou para serem um novo sinal de presença cristã onde ela nunca existiu ou é muito frágil.

Eis os frutos de uma pastoral renovada que levou a sério a Iniciação Cristã, a beleza da Iniciação Cristã. Um processo gradual que, na Palavra de

Deus, na Liturgia<sup>16</sup> e na Comunhão fraterna, faz crescer na fé, no amor à Igreja: pouco a pouco vai-se formando outro Cristo, dentro de um corpo concreto: a comunidade cristã.

Onde é possível ver a beleza do amor? Justamente na Igreja, na comunidade cristã.

Na comunidade cristã, a família, hoje tão agredida, tão desagregada, encontra seu espaço, um apoio particular. Dia após dia, sob a Palavra de Deus, pode-se aprender o perdão recíproco, e, no perdão, torna-se um dom um para o outro... Nasce a alegria de doar a vida, de estar aberto à vida. Nasce a alegria de transmitir aos próprios filhos o dom da fé, como o dom mais importante recebido de Deus. E da família restaurada, aberta à vida, nascem as vocações.

É de fundamental importância constituir nas Paróquias esses “lugares” onde possamos nos tornar adultos na fé, onde possamos transmitir a fé aos filhos. Onde tantos “pequenos”, distantes da Igreja, esmagados por uma história demasiado pesada, que carregam o peso do próprio pecado ou do pecado alheio — tantos irmãos e irmãs sozinhos, tantos pecadores, cujo número aumenta dia após dia — possam ser acolhidos e acompanhados num caminho de fé que não exige nada, mas que lhes oferece a experiência do perdão e da ternura de Deus. Esta é a misericórdia pela qual o Papa Francisco é apaixonado. Uma misericórdia que inaugura a beleza de Deus no mundo. Nossas Paróquias, junto com muitas outras expressões pastorais, têm hoje urgência de abrir esses lugares de evangelização, um verdadeiro “laboratório sacramental”, como o chamou uma vez João Paulo II.

É claro que para colocar em prática essa nova pastoral é preciso tempo e paciência; após quatro séculos de fixismo litúrgico, de devoções e de pregação bastante moralizante, compreende-se como os fiéis não sabem como abrir e interpretar a Escritura, nem como participar frutuosamente da Liturgia, mas se o Pastor está convencido da urgência pastoral de uma Iniciação Cristã, mesmo diante de dificuldades ou aparentes fracassos, pode recomeçar a partir daquela pequena semente, esse “grão de mostarda” (cf. Mt 13,31–32) já presente para que possa crescer até dar seus frutos: muitos “Cenáculos” onde os homens de hoje, desorientados e oprimidos, possam encontrar-se com Cristo Ressuscitado e fazer Páscoa com Ele.

---

<sup>16</sup> Bento XVI, no encontro com as comunidades do Caminho Neocatecumenal em 12 de janeiro de 2006, confirmava o itinerário das pequenas comunidades e a prática litúrgica do Caminho: “A importância da liturgia e, em particular, da Santa Missa na evangelização foi repetidamente destacada pelos meus Predecessores, e a vossa longa experiência pode muito bem confirmar como a centralidade do mistério de Cristo celebrado nos ritos litúrgicos constitui um caminho privilegiado e indispensável para construir comunidades cristãs vivas e perseverantes” (Bento XVI, “A Comunidade do Caminho Neocatecumenal”, Santa Sé, 12 de janeiro de 2006, [http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/january/documents/hf\\_ben-](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/january/documents/hf_ben-)

Até agora não falamos de “sinodalidade”, palavra mágica do mundo eclesial e teológico atual, e por uma escolha precisa: propuseram-nos dizer uma palavra ao final deste encontro; baseio-me em algumas reflexões, preparadas com o advogado Adelchi Chinaglia em 2022, e enviadas ao Dicastério “Leigos, Família e Vida”.

Além de todo o trabalho sinodal realizado nas Paróquias e nas Dioceses, merece ser afirmado que toda a estrutura da Iniciação Cristã realizada pelo Caminho se fundamenta numa base de sinodalidade, visto que é implementada envolvendo o Bispo, os Párocos com seus presbíteros, os catequistas e todos os leigos envolvidos..., tanto que se pode afirmar serenamente que o Caminho Neocatecumenal é uma forma eclesial concreta para viver a sinodalidade (cf. *Instrumentum laboris* da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, nº 23), porque o próprio fundamento da sinodalidade encontra-se no Batismo, chamado a tornar-se “discípulo missionário”.

Entre os traços de sinodalidade presentes nas várias realizações do Caminho Neocatecumenal, queremos destacar: antes de tudo, as duas colunas sobre as quais se articula toda a experiência do Caminho, por inspiração da Virgem, que são: “É preciso fazer comunidades que vivam em humildade, simplicidade e louvor, como a Sagrada Família de Nazaré” e “o outro é Cristo”. Não conhecemos forma mais autêntica de sinodalidade do que esta: “O outro é Cristo”, e é o princípio que anima a experiência de fé e vida das comunidades.

Toda a evangelização encontra no *kerigma* seu anúncio fundamental e na atenção aos distantes o espaço existencial de sua realização: esse anúncio recebeu aprovação da Congregação para a Doutrina da Fé, juntamente com todo o Diretório do Caminho.

Junto ao anúncio, as modalidades de participação na Liturgia da Palavra de Deus se realizam com plena escuta de todos os irmãos da comunidade, em conformidade com as indicações do caminho sinodal, assim como as celebrações litúrgicas das comunidades, onde se vive uma verdadeira participação.

Uma forma particular de sinodalidade é constituída pelas *missio ad gentes*: uma pequena comunidade cristã, com seu próprio presbítero e uma carta de missão do Bispo, formada por quatro ou cinco famílias, algumas irmãs, que se oferecem para se estabelecer em zonas descristianizadas, ou onde se veja necessária uma *implantatio Ecclesiae*, a pedido dos Bispos. As *missio ad gentes* vivem a sinodalidade segundo as diretrizes — profundamente sinodais — mencionadas acima com referência às comunidades neocatecumenais paroquiais: “Nisto todos saberão que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,35).



Outra expressão de autêntica sinodalidade são as *Communitates in missionem*: comunidades inteiras, que concluíram seu próprio itinerário neocatecumenal, aceitam ser enviadas a áreas periféricas de grandes cidades, onde a Paróquia não consegue estar presente, para se colocarem a serviço do Pároco e iniciar uma pastoral missionária.

Junto a essa forma de evangelização, há alguns anos foi iniciado o “Pós-Crisma”: uma experiência pastoral para educar na fé os adolescentes que vivem a transição da adolescência para a juventude (idade entre 12/13 anos e 18/19). O pároco apoia a catequese dos jovens, com a colaboração ativa de grupos de famílias adultas na fé.

Podemos concluir confirmando com a experiência o que foi afirmado pelo *Instrumentum laboris* de 2024 (n. 23): “O caminho da Iniciação Cristã do adulto é um contexto privilegiado para compreender a vida sinodal da Igreja”.

## Referências bibliográficas

- Agostino d’Ippona. “Esposizione sul Salmo 148”. Augustinus.it. [https://www.augustinus.it/italiano/esposizioni\\_salmi/esposizione\\_salmo\\_206\\_testo.htm](https://www.augustinus.it/italiano/esposizioni_salmi/esposizione_salmo_206_testo.htm).
- Bento XVI. “À Comunidade do Caminho Neocatecumenal”. Santa Sé, 12 de janeiro de 2006. [http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/january/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20060112\\_neocatecumenali.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/january/documents/hf_ben-xvi_spe_20060112_neocatecumenali.html).
- Bonhoeffer, Dietrich. *Vita commune*. 5 ed. Queriniana, 2012.
- Bouyer, Louis. *Il rito dell'uomo*. Morcelliana, 1964.
- Estatuto do Caminho Neocatecumenal*. Aprovação definitiva. 2008.
- João Paulo II. “Aos Bispos do Canadá em visita «ad limina Apostolorum» (4 de maio de 1999)”. Santa Sé, 4 de maio de 1999. [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1999/may/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19990504\\_ad-limina-canada-ontario.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1999/may/documents/hf_jp-ii_spe_19990504_ad-limina-canada-ontario.html).
- João Paulo II. “Carta Encíclica Redemptoris Missio”. Santa Sé, 7 de dezembro de 1990. [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_07121990\\_redemptoris-missio.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html).
- Kunzler, Michael. *La liturgia della Chiesa*. Jaka Books, 1996.
- Notitiae. n. 95–96 (agosto de 1974).
- O Caminho Neocatecumenal nos discursos do Papa Francisco e Documentos da Igreja*. Centro Neocatecumenale, 2019.

Pasotti, Ezechiele. *Il cammino neocatecumenale. 50 anni di iniziazione cristiana degli adulti*. Cantagalli, 2019.